

**Exame Final Nacional de Português**  
**Prova 639 | 2.ª Fase | Ensino Secundário | 2019**

12.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

8 Páginas

---

## VERSÃO 1

---

Indique de forma legível a versão da prova.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

---

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta. Escreva, na folha de respostas, o grupo, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

---

## GRUPO I

---

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

---

### PARTE A

Leia o texto. Se necessário, consulte a nota.

Eram terríveis as rotinas, quase um rito iniciático, uma sagração. Havia o dia de esfregar a casa, o dia de lavar a roupa, o dia de arear os metais, o dia de tomar banho. E também o dia de pôr flores aos mortos. Havia ainda o dia do remédio para as bichas e o dia do pente fino, à cata dos piolhos apanhados na escola.

5 Nada mais contava senão o que estava determinado para ser o dia desse dia. As mulheres ficavam possesadas de cada tarefa, como tangidas<sup>1</sup> por uma demoníaca alucinação. Era uma coisa obscura, essencial, que desordenava e reordenava a casa, as horas, os hábitos, os próprios humores. Ninguém podia quebrar aquele ritmo, que girava, obsessivo, à volta da mãe. Os homens estavam de fora, mas ao mesmo tempo dentro. Tinham de resignar-se à ordem de

10 batalha de cada dia.

O pai escapava-se, pelo menos tentava, ausentando-se para dentro de si, sentado na cadeira, alheio aos ruídos, até mesmo às perguntas. Era o seu modo de resistir à teia tecida pela aranha infernal da rotina. Sentado na cadeira, olhando para longe, procurava manter um espaço inacessível à invasão dos deveres que roíam, como toupeiras, as próprias fundações

15 da casa. Não era fácil. Quando menos se esperava, as criadas começavam de repente a levantar os tapetes, a virar as cadeiras de pernas para o ar, a arredar os móveis, a bater furiosamente nos tapetes pendurados no quintal. O pai levantava-se, às vezes resignado, às vezes revoltado. Então saía, batia com a porta, sumia-se. E só voltava uns dias depois.

Eu tinha medo daquelas operações de desarrumação e esfrega. Temia que o pai partisse

20 e nunca mais voltasse. Mas ele acabava sempre por regressar. Durante uns dias, o frenesim afrouxava, havia uma espécie de trégua. Mas logo recomeçava. Eram assim os hábitos. As casas da vila estavam sujeitas a uma ordem preestabelecida. As pratas tinham de brilhar, e os cobres, e os talheres, os vidros das janelas, os cristais. E também o chão de madeira. Era mais importante do que o pendor dos homens para a divagação e o silêncio.

25 De certo modo não havia lugar para o pai nem para mim. Havia lugar para a nossa presença na ordem incessante dos ritos, a horas certas. Não para as cavalgadas solitárias que cada um tinha necessidade de fazer sem ser interrompido pela tarefa do dia. Mesmo que fosse o dia de receber visitas, com chá e bolos. Não tínhamos direito à nossa desordem interior, éramos prisioneiros de um espaço constantemente invadido por obrigações cujo sentido não

30 podíamos entender. Não era por mal, era assim.

Manuel Alegre, «A grande subversão», *O Homem do País Azul*, 6.ª ed., Alfragide, Publicações Dom Quixote, 2008, pp. 51-53.

#### NOTA

<sup>1</sup> *tangidas* – atingidas.

1. Explícite dois aspetos que evidenciem o contraste entre o mundo das mulheres e o mundo dos homens, tal como nos é apresentado ao longo do texto.
2. No terceiro parágrafo, o narrador descreve comportamentos do pai que indiciam duas diferentes formas de reação à «ordem de batalha de cada dia» (linhas 9 e 10).  
Identifique e justifique essas diferentes formas de reação.
3. Relacione a reflexão do narrador, presente no último parágrafo do texto, com o sentido da metáfora «teia tecida pela aranha infernal da rotina» (linhas 12 e 13).

## PARTE B

Leia o texto seguinte, constituído pelas estâncias 26 a 29 do canto VI de *Os Lusíadas*, bem como a contextualização apresentada. Se necessário, consulte as notas.

### Contextualização

Encontrando-se os Portugueses já a navegar no Oceano Índico, Baco convence Neptuno a convocar um consílio de deuses marinhos, com a intenção de impedir a chegada daqueles à Índia.

- Est. 26            Estando sossegado já o tumulto  
                      Dos Deuses e de seus recebimentos<sup>1</sup>,  
                      Começa a descobrir do peito oculto  
                      A causa o Tioneu<sup>2</sup> de seus tormentos;  
5                    Um pouco carregando-se no vulto<sup>3</sup>,  
                      Dando mostra de grandes sentimentos,  
                      Só por dar aos de Luso triste morte  
                      Co ferro alheio<sup>4</sup>, fala desta sorte:
- Est. 27            — «Príncipe<sup>5</sup>, que de juro senhoreias<sup>6</sup>,  
10                   Dum Polo ao outro Polo, o mar irado,  
                      Tu, que as gentes da Terra toda enfreias<sup>7</sup>,  
                      Que não passem o termo limitado;  
                      E tu, padre Oceano, que rodeias  
                      O Mundo universal e o tens cercado,  
15                   E com justo decreto assi permites  
                      Que dentro vivam só de seus limites;
- Est. 28            «E vós, Deuses do Mar, que não sofreis  
                      Injúria algũa em vosso reino grande,  
                      Que com castigo igual vos não vingueis  
20                   De quem quer que por ele corra e ande:  
                      Que descuido foi este em que viveis?  
                      Quem pode ser que tanto vos abraude  
                      Os peitos, com razão endurecidos  
                      Contra os humanos, fracos e atrevidos?
- Est. 29            25                  «Vistes que, com grandíssima ousadia,  
                      Foram já cometer<sup>8</sup> o Céu supremo;  
                      Vistes aquela insana fantasia  
                      De tentarem o mar com vela e remo;  
                      Vistes, e ainda vemos cada dia,  
30                   Soberbas e insolências tais, que temo  
                      Que do Mar e do Céu, em poucos anos,  
                      Venham Deuses a ser, e nós, humanos.

### NOTAS

<sup>1</sup> *recebimentos* – receção; acolhimento.

<sup>2</sup> *Tioneu* – Baco, filho de Tione.

<sup>3</sup> *carregando-se no vulto* – mostrando-se pesaroso, tristonho, desgostoso.

<sup>4</sup> *Co ferro alheio* – por intervenção de outrem.

<sup>5</sup> *Príncipe* – Neptuno.

<sup>6</sup> *de juro senhoreias* – dominas por direito; governas por direito.

<sup>7</sup> *enfleias* – refreias; impedes a passagem.

<sup>8</sup> *cometer* – enfrentar; desafiar.

4. Explícite as estratégias argumentativas utilizadas por Baco (estâncias 27 e 28) para convencer Neptuno, Oceano e os outros deuses marinhos a serem seus aliados.
5. Apresente dois aspetos distintos que, na estância 29, evidenciem a mitificação do herói, fundamentando cada um deles com uma transcrição pertinente.
6. Complete as afirmações abaixo apresentadas, selecionando da tabela a opção adequada a cada espaço. Na folha de respostas, registre apenas as letras e o número que corresponde à opção selecionada em cada um dos casos.

Nestas estâncias, são utilizados alguns recursos expressivos frequentes em *Os Lusíadas*: na expressão «peito oculto» (v. 3), está presente uma **a)**; a apóstrofe ocorre, por exemplo, em **b)**.

a)	b)
1. personificação	1. «o mar irado» (v. 10)
2. anástrofe	2. «padre Oceano» (v. 13)
3. metáfora	3. «fracos e atrevidos» (v. 24)
4. comparação	4. «humanos» (v. 32)

### PARTE C

7. Leia o excerto seguinte, retirado de uma fala de Maria em *Frei Luís de Sousa* (Ato I, Cena IV).

«O que eu sou... só eu o sei, minha mãe... E não sei, não: não sei nada, senão que o que devia ser não sou...»

Almeida Garrett, *Frei Luís de Sousa*, edição de Maria João Brilhante, Lisboa, Comunicação, 1982, p. 110.

Escreva uma breve exposição na qual comprove que Maria se afasta daquilo que a família espera dela.

A sua exposição deve incluir:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual explicita dois aspetos que comprovem que Maria se afasta daquilo que a família espera dela, fundamentando cada um deles com uma referência pertinente à obra;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

## GRUPO II

Leia o texto.

Quando me sinto desinfeliz vem-me sempre à cabeça o poema de Carlos Queiroz chamado «E no Seu Nome esperarão as gentes», que é uma citação de São Mateus. Isto dura desde os treze ou catorze anos, quando li o livro de poemas «Desaparecido» que descobri na biblioteca do meu pai. E no meio da desinfelicidade aparece-me logo a primeira quadra

5 No ar azul da madrugada  
virias logo se eu chamasse?  
Encostarias Tua face  
à minha face enregelada?

10 Porque é que isto sempre me comoveu e ajudou tanto? Porque volto a ser logo o menino que fui e que o poema torna mais forte no meio da grande solidão que todos temos às vezes:

Se Te contasse o meu desgosto  
de quando a angústia me vem ver  
ter de expulsá-la pra viver  
afagarias o meu rosto?

15 Esta é uma pergunta minha também. O meu desejo. E aqui, sentado a esta mesa cheia de papéis, escrevo isto comovidamente. Estes versos acompanham-me sempre no ar azul da madrugada, quando tudo me parece irremediável, sem qualquer solução. O que farei de mim, o que farei comigo? E depois, felizmente, voltam a paz e a esperança. Por que carga de água tudo me toca, uma voz, um olhar, um sorriso às vezes, uma senhora de idade a afastar-se de mim a remar com a bengala porque o passeio se transformou numa espécie de mar? Quando eu era pequeno tinha a Gija, uma camponesa galega que me deu tanto amor. Ajudava-me a despir, vestia-me o pijama, ficava ao pé de mim até eu adormecer. Desapareceu da minha vida de repente, não sei porquê, e durante anos e anos não a vi. Quatro meses antes de embarcar para a guerra casei-me, havia pessoas no adro da igreja a olharem, eu não via a Gija

25 (chamava-se Alice, eu não sabia dizer Alice)  
não via a Gija desde os cinco anos, portanto há cerca de vinte e de súbito ela estava ali, no meio das tais pessoas a olharem, gorda, de cabelos brancos e  
(como se explica isto?)

30 soube logo que aquela pessoa era ela. Larguei a noiva, corri para aquela senhora e abracei-a de uma maneira como nunca abracei ninguém. Tinha o mesmo cheiro, a mesma forma de me tocar (posso estar a ser injusto mas acho que nunca ninguém me tocou como ela)

os mesmos olhos transbordantes de ternura. E ali ficámos, agarrados, comigo de novo tão pequeno, tão feliz. Gija. Gija Gija Gija. Os convidados do casamento espantados, as pessoas que olhavam espantadas e eu, muito maior do que ela, de repente pequeno, ao seu colo. Ao seu colo. Tinha um senhor ao lado, que era o marido que eu não conhecia, mas eu queria lá saber do marido. Éramos um do outro, Gija, e voltei a ser o menino de alguém. Voltei, com tanta força, a ser o menino de alguém. A ternura dela era a mesma, o amor por mim era o mesmo, só que estava cheia de lágrimas. Lembro-me tão bem de dizer-lhe

– Gija nunca deixei de ser o teu menino

40 e depois voltei para o casamento, para Tomar onde tinha sido colocado antes de ir para Angola, para longe de ti, eu que nunca devia ter saído do teu colo, tu que me amaste sempre incondicionalmente, com tanta pureza, tanta simplicidade, tanta, meu Deus, alegria. E eu que continuo a amar-te de uma paixão tão linda, eu que sempre, ao acontecer-me um desses problemas gravíssimos da infância, uma queda, a perda de um brinquedo, dizia logo

45 – Quero a Gija  
e tudo se compunha outra vez.

António Lobo Antunes, «E no Seu Nome esperarão as gentes», *Visão*, 6/9 a 12/9/2018, p. 7.

1. Em momentos de infelicidade, o autor lembra-se dos versos de um poema de Carlos Queiroz, pois
  - (A) produzem nele, simbolicamente, o mesmo efeito que Gija na sua infância.
  - (B) correspondem às perguntas que costumava colocar a Gija.
  - (C) proporcionam o mesmo conforto que a leitura dos textos sagrados.
  - (D) despertam nele emoções que transpõe, inevitavelmente, para a escrita.
  
2. No contexto desta memória de Lobo Antunes, entre outros aspetos, a evocação de Gija associa-se cumulativamente às ideias
  - (A) de honestidade e de subserviência.
  - (B) de proteção e de perdão.
  - (C) de amor e de compaixão.
  - (D) de segurança e de harmonia.
  
3. O advérbio «lá», utilizado na linha 35, apresenta uma ideia de
  - (A) desaprovação.
  - (B) indecisão.
  - (C) negação.
  - (D) indignação.
  
4. A partir da linha 41, o autor usa a segunda pessoa, quando se refere a Gija, para
  - (A) reproduzir, no seu discurso, as palavras que lhe dirigiu no dia do casamento.
  - (B) renovar os laços de união que foram perdidos após ter sido colocado em Angola.
  - (C) exprimir a convivência que com ela manteve de forma regular ao longo da vida.
  - (D) expressar a profunda comunhão com alguém que continua vivo na sua memória.
  
5. Nas orações «que nunca ninguém me tocou como ela» (linha 31) e «que eu não conhecia» (linha 35), as palavras sublinhadas são
  - (A) um pronome, no primeiro caso, e uma conjunção, no segundo caso.
  - (B) uma conjunção, no primeiro caso, e um pronome, no segundo caso.
  - (C) pronomes em ambos os casos.
  - (D) conjunções em ambos os casos.
  
6. Identifique as funções sintáticas desempenhadas pelas expressões:
  - a) «de papéis» (linha 16);
  - b) «que aquela pessoa era ela» (linha 29).
  
7. Indique o valor aspetual veiculado por cada uma das expressões seguintes:
  - a) «Quando eu era pequeno tinha a Gija» (linhas 20 e 21);
  - b) «Desapareceu da minha vida de repente» (linhas 22 e 23).

## GRUPO III

Tradicionalmente, a casa era o espaço de domínio feminino; por seu lado, o homem movia-se predominantemente num espaço exterior, fora de casa.

Será que, na atualidade, esta visão do mundo está já ultrapassada?

Num texto de opinião bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, defenda uma perspetiva pessoal sobre a questão apresentada.

No seu texto:

- explicite, de forma clara e pertinente, o seu ponto de vista, fundamentando-o em dois argumentos, cada um deles ilustrado com um exemplo significativo;
- utilize um discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito).

### Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2019/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre duzentas e trezentas e cinquenta palavras –, há que atender ao seguinte:
  - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
  - um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

## FIM

## COTAÇÕES

Grupo	Item							Cotação (em pontos)
	Cotação (em pontos)							
I	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	104
	16	16	16	16	16	8	16	
II	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	56
	8	8	8	8	8	8	8	
III	Item único							40
TOTAL								200